

O corpo como ser no mundo na *Fenomenologia da Percepção* de Merleau-Ponty*

The Body as a Being in the World at

Sâmara Araújo Costa**

Resumo

Este trabalho se debruçará em reflexões a partir da obra *Fenomenologia da Percepção* de Maurice Merleau-Ponty que é sobretudo uma fenomenologia do corpo. Um de seus esforços é romper com a dicotomia cartesiana corpo e mente. O corpo que não é simplesmente objeto e nem reduzido à consciência, mas é como nos manifestamos no mundo, e podemos habitá-lo. O mundo nos chama e somos tencionados a explorá-lo, há que se engajar numa situação, assim criamos o nosso esquema corporal. Tentarei expor aqui a ambiguidade que vive a consciência encorporada quando se diz da união entre fatos fisiológicos e fatos psicológicos num corpo encarnado diálogo de Merleau-Ponty com a filosofia cartesiana. Procuo explicar como a fenomenologia de Merleau-Ponty aborda tal questão e como adentra usando o exemplo do membro fantasma, a demonstrar como o engajamento influi no lidar com o mundo. Desta forma, ao mesmo tempo que Merleau-Ponty quer quebrar o dualismo cartesiano e fundar sua fenomenologia no corpo, lida com uma espécie de consciência encorporada que é potência e condição de acesso ao mundo. O corpo ancorado em situações mundanas que dizem do seu

* Artigo recebido em 14/09/2015 e aprovado para publicação em 23/10/2015.

** Graduanda em Filosofia, UFMG. Orientador Dr. André Joffily Abath. Email: samara.araujo@gmail.com

campo fenomenal. Noções como intencionalidade motora, situação e engajamento serão abordadas expondo como a ambiguidade do esquema corporal se relaciona com a significação dada à percepção que está entrelaçada ao mundo.

Palavras-chave: Corpo, ser no mundo, esquema corporal, engajamento, situação.

Abstract

This work leaned reflections from the phenomenology work of Maurice Merleau-Ponty perception that is above all a phenomenology of the body. One of its efforts is to break with the Cartesian dichotomy body and mind. The body is not simply object nor reduced to consciousness, but it's how we express ourselves in the world, and we can inhabit it. The world calls us and we are tensioned to explore it, we must engage in a situation thus created our body schema. I will try to explain here the ambiguity that lives embodied the conscience when it tells of the marriage between physiological and psychological facts facts in a red body Merleau-Ponty dialog with the Cartesian philosophy. I try to explain how the phenomenology of Merleau-Ponty discusses this issue and how enters using the example of phantom limb, to demonstrate how engagement influences in dealing with the world. Thus, while Merleau-Ponty wants to break the Cartesian dualism and founding his phenomenology in the body, deals with a kind of consciousness that is embodied power and condition of access to the world. The body anchored in mundane situations who say their phenomenal field. Notions such as motor intentionality, location and engagement will be addressed as exposing the ambiguity of the body schema relates to the significance given to the perception that the world is intertwined.

Keywords: Body, being in the world, body schema, engagement, situation.

Introdução

O tema tratado deste trabalho perpassa no desenvolvimento dos estudos referentes à obra *Fenomenologia da Percepção* explorada a partir de várias possibilidades para aprofundamento da pesquisa fenomenológica. Nesta primeira fase Merleau-Ponty afirma-se como importante filósofo no diálogo com grandes outros autores como René Descartes. Dando continuidade a fenomenologias de Husserl e Heidegger e modificando uma tradição filosófica idealista com seus estudos fenomenológicos, voltando sua atenção para o corpo neste primeiro momento. Ressaltando importantes discussões como o papel da percepção e a tentativa de sua descrição fenomenológica primordial para revelar os modos de ser no mundo.

O Corpo: núcleo da fenomenologia da percepção.

Na *Fenomenologia da percepção* o núcleo sensível é o corpo, dialogando principalmente com a filosofia de Descartes. Esta que insere várias dicotomias na tradição filosófica, separando corpo e mente, o homem como coisa pensante (*res cogitans*) do mundo como coisa extensa (*res extensa*), aparência e realidade dentre outras. A separação para Merleau-Ponty não existe, e não há uma pretensão em unificá-los, porque não estiveram separados. Retoma a atenção para o corpo como o meio através do qual temos acesso ao mundo e podemos habitá-lo, percebê-lo. É sobretudo uma fenomenologia da percepção que diz do nosso contato com o mundo através do corpo, quando afirma: “O corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles”.¹ Não é um corpo cartesiano pensado como objeto, um objeto ou máquina, o ponto é que consideramos a percepção subjetiva e o corpo objetivo a partir de Descartes, o que será superado na fenomenologia de Merleau-Ponty. O corpo não é apenas uma condição para a percepção, é o modo de ser no mundo, e a mente não está separada do corpo, afirma Carman.² E ainda que “percepção não é mental, mas um fenômeno corporal. O que parece óbvio, mas não pra Descartes que toda percepção passava por inspeção mental. Merleau-Ponty entende que quando Descartes aponta a percepção como enganosa com argumentos como a incapacidade de distinguir entre estados de sono e vigília, alucinação e também com hipótese do gênio maligno, é uma tentativa de retirar a primazia da percepção como acesso ao mundo. Para Descartes a percepção das qualidades sensíveis como percepção de som, cor, odor, cheiro são subjetivas e também não nos dão acesso ao mundo, pois a coisa permanece em si, não podemos acessá-la. Nossa percepção nos

¹ MERLEAU-PONTY, *Fenomenologia da Percepção*, 1945. p.122

² CARMAN, 2008, p. 82, 97

engana e só nos dá a aparência do objeto, que não é verdadeira. O cartesiano acredita que só acessamos o corpo e mundo porque pensamos, são através de ideias, nossa existência é confirmada pelo pensamento. Merleau-Ponty caminha para uma visão não essencialista do mundo lugar-comum onde a coisa é dada através de ideias, e argumenta a favor da própria aparência como a realidade e que essa é a verdade do mundo dada a nós pela percepção corporal, é como se as coisas pudessem falar por si próprias a nossa percepção. Dito isto vemos o destaque dos seus trabalhos estéticos, a importância da pintura de Paul Cézanne para Merleau-Ponty.³ A consciência não é reduzida ao estudo de estados mentais, o corpo não é revelado por estes, mas se revela sempre como consciência encorporada, em ato dinâmico na relação com o mundo que se mostra e afeta o sujeito encarnado. Como diz Moutinho referindo-se à *Fenomenologia da Percepção*:

O sentido do percebido, não *constituído* por mim, aparece como "*instituído nele*" , de modo que eu não sou a origem solitária do sentido, mas apenas "reúno um sentido esparso por todos os fenômenos", eu apenas digo "aquilo que os fenômenos querem dizer de si mesmos": "toda fixação é sempre fixação de algo que se oferece como a ser fixado" . (MOUTINHO, 2005, p.286)

É a percepção que constrói a coisa com qualidades dadas a nível de um corpo humano, não metafísico, mental, mas entrelaçado como ser no mundo. O corpo é "mediador do mundo"⁴, mas mediador por uma consciência que é ele mesmo, entre sujeito e objeto, essa oposição é a questão, e há uma ambigüidade assumida, nem sempre o corpo é unitário, mas não é dualista. É o que diz Barbaras e ainda acrescenta que o corpo não pode ser reduzido a um objeto, nem a um sujeito, como vemos:

Portanto, o corpo, em última análise só pode ser descrito como através da exclusão simétrica dos dois termos de oposição que não está sujeito, não é o objeto, mas a mediação do sujeito e do objeto tais como o lugar ainda misterioso, onde seu relacionamento está vinculado. (BARBARAS, 1991, p. 26)

Não é um pensar o mundo dado e a tentativa de sua compreensão. A percepção para Merleau-Ponty não pode ser reduzida a subjetividade, é

³ Ensaio *A Dúvida de Cézanne*, Merleau-Ponty.

⁴ MERLEAU-PONTY, 1945, p. 201

algo que vai de encontro a estar no mundo com um corpo humano, um sujeito encarnado. É preciso voltar a atenção para o mediador de tudo que é o corpo. Em seus últimos escritos Merleau-Ponty vai firmar mais seu pensamento em uma ontologia, mas nesta primeira fase, tenta expor como Descartes, entre outros, entendia que o acesso às qualidades sensíveis são subjetivas, o mundo dado como idéia. Busca uma fenomenologia do corpo humano e sua percepção ancorada num mundo, esta que pode ser descrita, depois de percebido, vivido. Em Merleau-Ponty somos perspectivas, um ponto de vista que explora o objeto pela ação do corpo e o constitui através das relações destas perspectivas, aparências. O corpo age e explora o mundo, é intencionalidade motora que antecipa e forma sua condição de agente a partir de suas experiências corporais. Acessamos o mundo e suas aparências, sentimos por um aparato sensorial complexo lançado em um campo fenomenal com suas vivências. Não possuímos a coisa, o mundo dado consolidado em definições, em palavras. Como o autor nos adverte: "*Não se trata de escolher uma forma aparente e tê-la como a definição, algo objetivo, cristalizada, dada em uma palavra.*"⁵ Há uma conjunção entre antecipar e atualizar o que se passa, um trabalho contínuo da percepção, um conjunto de habilidades corporais adquiridas que se traduz uma relação de significação, mas de ação, exploração do mundo.

Desta forma retoma a importância da filosofia estudar a percepção e continua o trabalho iniciado por fenomenólogos como Husserl e Heidegger. É um voltar às coisas mesmas que aponta para a descrição do mundo vivido (*LebensWelt*) na tentativa de revelar os modos de ser humano que se mostram como modos de lidar com o mundo circundante. Quando Merleau-Ponty se refere à consciência, é sempre consciência de algo, consciência perceptiva. É através da percepção e um aparato sensoriomotor que conhecemos o mundo, para o autor "*A percepção está sempre envolvida com a atitude corporal.*"⁶ Através da dinâmica da percepção sedimentamos um modo de agir dado através de significação motora que se forma a partir de nosso *background* de vivências, criamos um esquema corporal. Apontando assim a importância da nossa experiência como sujeitos encarnados, o corpo como *modus operandi* no mundo.

Esquema Corporal e engajamento

⁵ Ibid, p.402

⁶ MERLEAU-PONTY, 1945, p. 406

O esquema corporal está definido a partir do que podemos chamar de a capacidade de engajamento junto ao mundo, é construído ao longo da vida, algo como uma memória corporal, adquirindo um modo de ser, um estilo de vida. Há uma espessura histórica na percepção, uma apreensão do passado como um mundo já dado e algo sempre novo e anônimo, segundo Moutinho “as condições para se afirmar aquela dupla encarnação, a do sujeito e a do sensível requer o tempo como medida do ser”,⁷ O sedimentado que aponta Merleau-Ponty como esquema corporal vai de encontro aos modos de ser do *Dasein* de Heidegger que diz da lida com que cada corpo se coloca numa situação. Tal engajamento retoma uma síntese, um trabalho já realizado pela percepção, uma forma de habitar o mundo que é recorrente, como diz o autor:

O que chamamos de esquema corporal é justamente esse sistema de equivalências, esse invariante imediatamente dado pelo qual as diferentes tarefas motoras são instantaneamente transponíveis. Isso significa que ele não é apenas uma experiência de meu corpo, mas ainda uma experiência de meu corpo no mundo, e que é ele que dá um sentido motor às ordens verbais. (MERLEAU-PONTY, 1945. p. 195)

Este esquema corporal que diz Merleau-Ponty implica em saber como o sujeito encarnado se engaja no mundo. Porque é um como colocar-se de maneira corporal na realização das tarefas que propõe, um certo modo de agir que é familiar. O engajamento envolve um modo de abertura para lidar com o mundo, com as coisas e como é este movimentar e explorar. O autor dá exemplos de como os engajamentos diante de situações parecidas podem culminar numa recusa do mundo, a noção de situação povoando com significação o esquema corporal, algo distinto em cada ser. Daí porque demonstrar reações distintas em situações humanas que remete ao processo de individuação de cada ser. Atestando a rigidez de um esquema corporal adquirido, modificá-lo é muito doloroso e difícil, já que remete a um treinamento da potência sensoriomotora realizada durante toda a vida. Os exemplos dados dizem de muitos pacientes enfrentando cegueira, mutilações e a descrição de diversas formas de engajamento que requer modificação do esquema corporal. Falando em antecipação motora, diz Merleau-Ponty:

Certos pacientes podem estar próximos da cegueira sem terem mudado de "mundo": nós os vemos chocar-se a objetos em todas

⁷ MOUTINHO, 2004, p. 291

as partes, mas eles não têm consciência de não ter mais qualidades visuais e a estrutura de sua conduta não se altera. Outros doentes, ao contrário, perdem seu mundo a partir do momento em que os conteúdos se esquivam, renunciam à sua vida habitual antes mesmo que ela tenha se tornado impossível, tornam-se enfermos por antecipação e rompem o contato vital com o mundo antes de terem perdido o contato sensorial. (MERLEAU-PONTY, 1945, p.119)

A antecipação motora está envolvida no esquema corporal como uma espécie de intencionalidade motora própria que se relaciona com a forma que o sujeito encarnado se engaja em sua situação. Não é apenas uma individuação de estados mentais, um estilo de vida que envolve o corpo, suas habilidades adquiridas, seu modo de sentir e agir no mundo.

Situação, corpo próprio e objetivo

Para retomarmos o que já foi dito e refletido a partir da obra apontada, o engajamento do corpo ao mundo remete às habilidades motoras adquiridas, a formação de um esquema corporal sedimentado, que está envolto por uma situação. Situação se dá quando é assumido um esquema corporal, um estilo de agir e se pretende entendê-lo através de uma significação, a condição de agente como sujeito e como corpo. É algo legitimado em função de como o sujeito se coloca no mundo e se orienta para suas ações, diz do modo de ser que não pode ser dado por definições, mas sim por uma fenomenologia descritiva do corpo, da percepção. Como afirma Merleau-Ponty:

O que importa para a orientação do espetáculo não é meu corpo tal como de fato ele é, enquanto coisa no espaço objetivo, mas meu corpo enquanto sistema de ações possíveis, um corpo virtual cujo "lugar" fenomenal é definido por sua tarefa e por sua situação. (MERLEAU-PONTY, 1945, p.336)

Moutinho afirma que a filosofia nos coloca além de nossa situação, pois quer conhecê-la, sua revelação por uma descrição causal verdadeira. O que também converge num outro tipo de engajamento, de uma situação em que damos um sentido. Ao mesmo tempo queremos um mundo dado como ideia ao mundo que já é dado como coisas que podemos perceber. Depois o autor vai definir essa linguagem que é muito mais carnal para Merleau-Ponty. Mas o fato é que como aponta Barbaras

há uma tentativa de unificação e a permanência da ambigüidade. O que Merleau-Ponty quer dizer da ambigüidade na percepção, diz de uma situação e um mundo dado, um corpo vivido e um corpo pensado. Vejamos o que diz este autor sobre o tema na Fenomenologia de Merleau-Ponty:

O meu corpo manifesta portanto uma ambigüidade. O corpo habitual e o corpo atual, a existência anônima e a existência pessoal aparecem como um *único* ser na medida em que são ambos orientados para um pólo intencional ou para um mundo — o que significa dizer que eles só aparecem a uma descrição da experiência *efetiva* de perceber. Eles se unificam nessa orientação. Pois, enfim, o corpo habitual, a existência anônima e geral é “assumida” pela existência pessoal e “reintegrada” a ela: o sedimentado é “retomado” pela situação, de modo que ele se alimenta do presente. E, reciprocamente, a existência pessoal nada seria se não dispusesse de nenhum meio de se efetuar, se não tivesse um solo sobre o qual se assentar. Daí porque Merleau-Ponty vai insistir que o corpo não é uma tradução, no exterior, de um estado interior, daí porque o corpo não manifesta, fora, o que se passa na consciência — o “interior” e o “exterior” se ligam aqui intimamente. (MOUTINHO, 2004, p. 282)

Voltando ao contraste visto em como a tradição cartesiana nos acostumou a desatar-nos do corpo, através de uma atitude puramente reflexiva, o corpo dado como um objeto que é pensado como uma soma de partes sem interior, da união de corpo e mente pela alma, existindo como coisa e como consciência. Por outro lado Merleau-Ponty distingue essas duas maneiras de viver o corpo, e a importância de delimitar a diferença entre um corpo que é pensado e outro que é vivido. O corpo próprio é aquele que acessa a coisa antes mesmo de sua reflexão, é o corpo vivido não refletido, que retoma o corpo lugar de uma experiência ambígua, quando diz:

Se tento pensá-lo como um conjunto de processos em terceira pessoa — “visão”, “motricidade”, “sexualidade” — percebo que essas “funções” não podem estar ligadas entre si e ao mundo exterior por relações de causalidade, todas elas estão confusamente retomadas e implicadas em um drama único. Portanto, o corpo não é um objeto. Pela mesma razão, a consciência que tenho dele não é um pensamento, quer dizer, não posso decompô-lo e recompô-lo para formar dele uma idéia clara. Sua unidade é sempre implícita e confusa. (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 269)

O corpo próprio, como explica o autor, é sempre sexualidade, ao mesmo tempo que é livre, é determinado, cultura e linguagem, e de nenhum modo fechado em si mesmo e ultrapassado. O corpo é o ser no mundo revelado em seus vários aspectos. Sua descrição se dará ao descrever a percepção, Merleau-Ponty quer fazer sua fenomenologia do corpo próprio. *"Assim, a experiência do corpo próprio opõe-se ao movimento reflexivo que destaca o objeto do sujeito e o sujeito do objeto, e que nos dá apenas o pensamento do corpo ou o corpo em idéia, e não a experiência do corpo ou o corpo em realidade."*⁸ O corpo em realidade está ancorado no mundo, e *"está no mundo como o coração para o organismo"*⁹, e porque não o cérebro? Talvez porque tal papel já ocupe lugar na filosofia cartesiana e seja mais uma ambigüidade inserida por Merleau-Ponty, o corpo próprio é o corpo vivido. Não há um órgão mais importante neste *"sistema"*¹⁰, o corpo não está unificado e sendo conduzido pelo cérebro apenas. Para Descartes o fato de sabermos que somos um corpo está subordinado às ideias, a estados mentais, é por sermos racionais, por termos uma alma, ao fim por Deus que é o autor de nossa situação de fato.

O corpo objetivo é o corpo pensado e definido pela ciência, cultura, é um corpo obtido pela reflexão. Este corpo como objeto ressoa a dicotomia cartesiana através do pensamento objetivo. Como explica no texto:

Eu decolo de minha experiência e passo à *idéia*. Assim como o objeto, a *idéia* pretende ser a mesma para todos, válida para todos os tempos e para todos os lugares, e a individuação do objeto em um ponto do tempo e do espaço objetivos aparece finalmente como a expressão de uma potência posicional universal. Não me ocupo mais de meu corpo, nem do tempo, nem do mundo, tais como os vivo no saber antepredicativo, na comunicação interior que tenho com eles. Só falo de meu corpo em *idéia*, do universo em *idéia*, da *idéia* de espaço e da *idéia* de tempo. Forma-se assim um pensamento "objetivo" (no sentido de Kierkegaard) — o do senso comum, o da ciência —, que finalmente nos faz perder contato com a experiência perceptiva da qual todavia ele é o resultado e a consequência natural. (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 109)

Perdemos o contato com o corpo próprio quando sua forma de percebê-lo torna-se objetiva. A fenomenologia é esta que quer descrever a percepção a nível antes da reflexão, é uma descrição do mundo em estado nascente, mundo pré-reflexivo, não é o mundo objetivado criado

⁸ MERLEAU-PONTY, 1945, p. 269

⁹ Ibid, p. 273

¹⁰ MERLEAU-PONTY, 1945, p. 273

pela cultura, ciência, é o mundo percebido por um corpo. A obra conduz para a importância do corpo como acesso a este mundo e atenta para o fato de nossa percepção estar endurecida numa dualidade que divide o ser no mundo, ora como um corpo objetivado, ora uma consciência, dividido entre fatos fisiológicos e psicológicos.

Quando o pensamento ocupa um lugar privilegiado na percepção, não se busca a verdade na percepção na própria percepção, mas na reflexão. Entendemos então o que Merleau-Ponty quer fazer, e não se trata simplesmente de mudar de perspectiva, reduzindo para o que agora não é mais o pensamento e sim o corpo, mas entender a ambiguidade da percepção. O ser no mundo atua com seu corpo, há um mundo cultural e dos homens e mundo natural da percepção, isso é considerado em sua fenomenologia. Porém, a relevância será outra, quando explica: "*A novidade da fenomenologia não é negar a unidade da experiência, mas fundá-la de outra maneira que o racionalismo clássico.*"¹¹ Em sua fenomenologia o mundo não é mais dado apenas como ideia que explica o fenômeno, contudo explica muito melhor alcançando uma descrição que revela a percepção fenomênica desta relação corpo e mundo, sujeito objeto.

Tal fundação que se refere Merleau-Ponty está em lidar com a tentativa não simplesmente de unificar a experiência de ser no mundo no corpo, mas entendê-lo primordialmente como nosso contato natural, ver a experiência do corpo não mais como consequências de fatos psíquicos, mentais apenas, a consciência está atrelada ao mundo. Há uma intencionalidade volitiva que não é exclusivamente proveniente de estados mentais, é sobretudo, uma relação do corpo-sujeito habitando o campo fenomenal e agindo. Dito isto, Merleau-Ponty afirma a importância de descrever a realidade e não tentar construí-la sobre teorias, reflexões. O real está aí, não espera ser interpretado, nele se misturam nossas impressões, nossos sonhos, agregados ao mundo concreto que não está à mercê de nossos juízos para entrarmos em relação com ele. Os pensamentos, percepções, verdades estão inseridos em nossa relação com o mundo desde sempre, "*não há homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece.*"¹² Sendo assim, esta fenomenologia de Merleau-Ponty trata de descrever nossa percepção do mundo "*não de explicar, nem de analisar*"¹³. Descrevendo como o homem sente, se coloca e atua no mundo, para conhecermos o que é ser homem. E é por isto que autor diz que é a literatura, a pintura, as melhores descrições do mundo vivido, de nossas experiências e percepções, é aí que entra a obra de "*Cézanne, Balzac, Proust*"¹⁴ como grandes fenomenólogos que mostram o ser no mundo.

¹¹ MERLEAU-PONTY, 1945, p. 394

¹² Ibid, p. 8

¹³ Ibid, p. 7

¹⁴ Ibid, p. 20

Experiência do membro fantasma

Há na obra um momento que retoma um caso problemático, que também aparece como embaraço na filosofia cartesiana. É através de relatos sobre a experiência do membro fantasma, são pacientes que continuam a sentir dor num membro mutilado, é como se o membro amputado ainda estivesse ligado ao corpo. Merleau-Ponty diz que não é o caso de buscar uma explicação fisiológica ou psicológica, nem mista. O amputado sente a perna, ignora a mutilação e há um espectro do antigo membro que já não existe mais, mesmo que o paciente caia durante muitas vezes, não se convence. Descartes também usa o exemplo do membro fantasma quando está colocando em dúvida os sentidos exteriores, acrescenta também que os interiores são enganosos, como diz na passagem:

E não somente nos sentidos exteriores, mas mesmo nos interiores: pois haverá coisa mais íntima ou mais interior que a dor? E, no entanto, aprendi outrora de algumas pessoas, que tinham os braços e as pernas cortados, que lhes parecia ainda, algumas vezes, sentir dores nas partes que lhes haviam sido amputadas; isto me dava motivo de pensar que eu não podia também estar seguro de ter dolorido algum de meus membros, embora sentisse dores nele. (DESCARTES, p. 141)

É somente com a prova da existência de Deus que Descartes une corpo e mente através da alma. Com o exemplo do membro fantasma fica mais claro como esta união não pode ser compreendida, no sentido que a mente sabe dos fatos e o corpo não está sincronizado. Por outro lado, Merleau-Ponty diz que esta experiência do membro fantasma demonstra como o corpo está mais atrelado ao mundo do que uma consciência que seria mental, ao que parece insinuar. O mundo continua chamando o corpo da mesma forma, a intencionalidade motora quer continuar com o mesmo esquema corporal, não aceita que terá que mudar toda a situação de ser no mundo. Somente quando há aceitação, e é complicado dizer e descrever esse momento, se é realmente algo definido pelo pensamento ou se é necessário antes de tudo assumir uma nova situação, preparar-se para um novo engajamento e lutar para mudar o esquema corporal, é muito mais uma decisão do corpo próprio e diz de seu entrelaçamento ao mundo, não é algo somente psíquico.

Como a existência se configura através do esquema corporal, da situação do sujeito encarnado, parece complicado quando Descartes diz que há um desencontro do espírito com o cérebro para o problema do membro fantasma. O autor chama de ilusão dos amputados, e se justifica

dizendo que a união entre corpo e mente nunca se deu de maneira que haja solução perfeita, porque não conhecemos os desígnios divinos.¹⁵

No decorrer da *Fenomenologia da Percepção* há um outro exemplo que sugere algo, o autor lembra como a pata de uma lagartixa somente será substituída se realmente for destacada de seu corpo, se estiver presa não se dá o fenômeno de regeneração. Neste caso será que poderíamos comparar o nosso entrelaçamento ao mundo ao que se passa com outros animais? Ao que parece Merleau-Ponty quer dizer que a dor de um membro que não existe mais não é puramente psicológica, é possível dizer isto em função do trauma e não aceitação, mas muito mais pelo entrelaçamento ao mundo e como este chama o corpo para explorá-lo como um esquema corporal sedimentado. A dor surge pelo esquema adquirido que a partir de então é preciso ser modificado e planejado novamente já que o mundo será explorado de outras formas, a memória de um esquema sedimentado. Afirmando sua tese sobre o corpo como núcleo sensível da existência quando diz: *Se o corpo pode simbolizar a existência, é porque a realiza e porque é sua atualidade.*¹⁶ O corpo atuando e efetivando o ser.

Entendo melhor quando o autor diz da importância da motricidade e o apelo do corpo como ser no mundo: *"Enfim, esses esclarecimentos nos permitem compreender sem equívoco a motricidade enquanto intencionalidade original. Originariamente a consciência é não um "eu penso que", mas um "eu posso"*¹⁷. Parece tentar retirar o papel privilegiado do cogito, do corpo como ideia, da unidade obtida que também não é compreendida pela alma que diz Descartes. Assim aponta o corpo e sua necessidade de estar em harmonia com a percepção, e mais, diz do corpo como ser no mundo. O cogito e a percepção se ajustando um ao outro, algo dinâmico. Como Merleau-Ponty diz é o cogito trabalhando com a percepção para buscarem a verdade que está na relação com o mundo, cito-o:

O que nos permite tornar a ligar o "fisiológico" e o "psíquico" um ao outro é o fato de que, reintegrados à existência, eles não se distinguem mais como a ordem do em si e a ordem do para si, e de que são ambos orientados para um pólo intencional ou para um mundo. (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 129)

Ao problematizar o exemplo do membro fantasma buscamos entender que há certas experiências que não são téticas, mas de

¹⁵ DESCARTES, Referente ao comentário em nota 188 da Sexta Meditação, p. 149.

¹⁶MERLEAU-PONTY, 1945, p. 227

¹⁷ Ibid, p. 93

adaptação, e o momento da aceitação não é o de entender que não há um membro, mas o de se propor a mudar o esquema corporal que dá acesso ao mundo. A mudança da percepção, de posição e de tomada de uma nova situação do corpo próprio ancorado frente às suas demandas que impõe o mundo, ao engajamento que queremos assumir como nossa situação. Enfim, o sujeito encarnado entende que será necessário fazer mudanças de como atua como ser no mundo com seu corpo e como a mudança de um esquema corporal é um treino no decurso do tempo de uma vida.

Referências

BARBARAS, Renaud. Le dualisme de *La Phénoménologie de La Perception*. In: BARBARAS, Renaud. *De l'être du phénomène*. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 1991. p. 21-36.

CARMAN, Taylor. *Body and World*. In: CARMAN, Taylor. *Merleau-Ponty*. New York: Routledge, 2008. p. 79-134.

DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas* In: Os Pensadores. Trad. Bento Prado Jr e Jacó Guinsburg. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOUTINHO, Luis Damon Santos. O Sensível e o Inteligível: Merleau-Ponty e o problema da racionalidade. *Kriterion*, Belo Horizonte, nº 110, Dez/2004, p. 264-293.